

EXPEDIÇÃO GEOGRÁFICA REVISITANDO LE PORTUGAL AU POINT DE VUE AGRICOLE (1900) E A OBRA DO CONDE DE FICALHO

NICOLE DEVY-VARETA ¹

1. Em 1900, a Imprensa Nacional fazia sair do prelo *Le Portugal au point de vue agricole*, um livro de cerca de mil páginas publicado em francês por ocasião da Exposição Universal de Paris. A obra reúne as contribuições de especialistas do maior renome durante a segunda metade de Oitocentos – essencialmente agrónomos, mas também outros cientistas ligados à botânica, economia, geologia e silvicultura ².

Desde os meados do século, a participação de Portugal nas grandes exposições internacionais era particularmente cuidada. O sector da agricultura, que podia incluir na época a botânica e a produção florestal, constituía então um domínio privilegiado nas exposições e nos respectivos relatórios. Nas Comissões nomeadas para a preparação destes eventos, destacaram-se sempre professores do Instituto da Agricultura fundado em 1852. Muitos deles eram também membros da Real Associação Central da Agricultura Portuguesa (1860), que se empenhou na divulgação e propaganda dos progressos agrícolas, promovendo congressos, conferências e a organização das exposições universais.

Dois agrónomos, professores no Instituto da Agricultura e delegados da Real Associação, são encarregados da representação de Portugal em Paris. Têm, um e o outro, experiência confirmada na divulgação e na promoção de reformas agrícolas. Bernardino Camilo Cincinato da Costa (1866-1930) tinha estado em missão científica oficial em vários estabelecimentos franceses de ensino agrícola na altura da Exposição de 1889. D. Luis Filipe de Castro (1868-1928) escreve

¹ Professora Associada no Departamento de Geografia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Via Panorâmica s/n, 4150-564 Porto, Tel/Fax: 226077194.

² *Le Portugal au point de vue agricole* (1900) – Direction de B. C. Cincinato da Costa et D. Luiz de Castro, Lisbonne, Imprimerie Nationale, XXXVIII, 965 p., 69 f. il., 20 f. desdobl.: il., mapas. Para além dos dois organizadores da obra, contribuíram também o Conde de Ficalho, Paul Choffat, Filipe E. de Almeida Figueiredo, Júlio Henriques, Paula Nogueira, R. Larcher Marçal, Sertório Monte Pereira, M. C. Rodrigues de Morais, P. R. da Cunha e Silva, A. A. Telles de Menezes, J.I.T. Menezes Pimentel, Anselmo de Andrade.

em numerosas revistas agrícolas e faz-se o defensor do movimento associativo no sul e norte do país. Nas primeiras linhas do curto preâmbulo, essencialmente destinado aos agradecimentos, os organizadores da obra afirmam:

«Ce livre représente un considérable effort de travail ayant pour but de faire connaître à l'étranger, sous une forme rigoureusement exacte et précise, l'une des branches les plus intéressantes et aussi la plus importante, de l'activité portugaise, ainsi que le milieu où elle vit et les ressources multiples dont elle dispose pour se développer.»

Sob o impulso das instituições fundadas no início da Regeneração, modernizou-se o país. Ao mesmo tempo, criaram-se as condições para desenvolver os trabalhos de prospecção de que se sentia tanta falta, para projectar os rumos da modernização (N. DEVY-VARETA, 1998). *Le Portugal.. agricole* vem coroar o edifício do conhecimento científico do país, que lentamente se levantou, e sustentou o fomento do progresso da economia nacional. Havia ainda muitos atrasos nos levantamentos estatísticos, trabalhos de cartografia e inventariação do mundo vivo. Os trabalhos da *Carta Agrícola e Florestal*, nomeadamente, são apenas publicados em 1910 (M. C. RADICH, 2000, pp.11-83). Apesar de tudo, num país abalado pela crise da década de 1890, importava divulgar esta nova imagem de Portugal, ainda «essencialmente agrícola».

Decorridos cem anos, não será nosso propósito revisitar toda a obra. Apenas a *Introduction*, escrita pelo Conde de Ficalho (1837-1903), vai reter a nossa atenção «geográfica» e constituir o ponto de partida de uma peculiar expedição.

2. A *Introduction* é o último escrito de teor científico publicado pelo Conde de Ficalho³. Concebido como um «court exposé de faits généraux» (p. XXVIII), apresenta os grandes traços do meio natural do país e, sobretudo, um esboço da história agrária. O estudo revela a personalidade, postura e formação multifacetada do autor, com uma cultura e educação dignas de um fidalgo, no fim de uma carreira profissional na Escola Politécnica, como catedrático de Botânica. No *Retrato íntimo*, Ramalho Ortigão (1836-1915) lança, numa frase lapidar: «Era belo» (p.157), e continua dizendo que «... soube cumulativamente ser homem de corte, homem do campo, homem de estudo, naturalista, literato, artista, poeta, historiador, agrónomo...» (p. 161).

O esteta, literato, artista ou poeta revela-se nas primeiras páginas, quando descreve as impressões de um viajante que descobre, de norte a sul do país, as

³ Francisco Manuel de Melo Breyner, 4.º conde de Ficalho, era o descendente de uma ilustre linhagem alentejana com cinco séculos de história. Dele fez J. D. RAMALHO ORTIGÃO (1945[1903]) um retrato fiel, fundamentado num longo convívio intelectual e de amizade. Recorde-se que o Conde de Ficalho integrou o famoso grupo dos onze *Vencidos da Vida* (1887-1893). Sobre a sua vida, ver também R. T. PALINHA, 1953 e N. de SAMPAYO, in C. de FICALHO, 1982.

paisagens de Portugal ⁴. As descrições com a sua variedade de cores, luminosidades e volumes, podem evocar o esboço de uma geografia da percepção *avant la lettre*. Logo a seguir, repentinamente, surge o homem de estudo, naturalista e botânico, que apresenta a divisão do país em três «regiões botânicas»: mediterrânea (Algarve e maior parte do Alentejo), atlântica (Minho) e «partie centrale de la Péninsule Ibérique», diríamos hoje, continental ibérica (Trás-os-Montes e parte da Beira). Aponta-lhes as respectivas áreas de transições, com limites mais ou menos bruscos (pp. XII-XV). Realce-se a preocupação do autor na integração ambiental e cultural de cada região no espaço europeu. Não «isola» o país, mas liga-o a toda a Bacia mediterrânea, ou ainda ao litoral atlântico, até à Irlanda. Um século mais tarde, permanece, globalmente, a actualidade desta divisão na *Carta Biogeográfica de Portugal* recentemente publicada (COSTA, 1998).

Para a sua demonstração, o Conde de Ficalho utiliza fontes de informação onde a cartografia tem um lugar de destaque. Até dá quase a impressão de ter escrito a Introdução com os mapas à sua frente... «Un simple regard, jetté sur une carte géographique...» (p. XII). É provável que o autor não se refira directamente à *Carta Geographica de Portugal* de Filipe Folque (1865), que serviu de base, na época, a numerosos estudos e projectos de obras (ALEGRIA, 1977 e DIAS, 1995). Mas conhecia certamente os dois mapas – carta orográfica e regional, e carta xilográfica ou dos arvoredos –, elaborados por B. de Barros Gomes, a partir da mesma *Carta* e anexados às *Condições Florestais* que o autor cita expressamente (p. XV) ⁵. Também menciona a *Carta Geológica* (1876), com 2.^a edição publicada em 1899 (p. XXXI).

É a geografia botânica ⁶, fundamentada nos elementos do clima e suas relações com o relevo, continentalidade e latitude, que explica as condições da agricultura (p. XV). Situa-se o autor na linha de pensamento de B. de Barros Gomes ⁷. De facto, o Conde de Ficalho apenas reconhece com prudência a importância da geologia e das «qualidades do solo arável» na definição das regiões agrícolas. A agricultura continua a ser para ele «botânica aplicada» (p. XII). Não parece reconsiderar a prática da agricultura em relação aos progressos da ciência agronómica no país. Interessava-lhe desenvolver a temática que privilegiava nesta fase da vida: mais de metade da *Introduction* é consagrada a um esboço da história da agricultura portuguesa, até à conquista do Algarve no século XIII (pp. XVI-XXXVIII).

⁴ O homem de letras tinha publicado, em 1888, os seis contos de *Eleição perdida*, onde se descobrem as terras e a gente do Alentejo (C. de FICALHO, 1982).

⁵ B. de Barros GOMES, 1876 e 1878. Recorde-se que os dois mapas tinham sido premiados na Exposição Universal de Filadélfia de 1876

⁶ A expressão é nossa

⁷ Embora com matizes diferentes, que importava investigar (1876, p. 20 e notas 1 e 2 da página XV)

3. A introdução de *Le Portugal...agricole* é um retorno do Conde a problemáticas científicas do espaço português continental. A bibliografia publicada revela que grande parte dos estudos incidem sobre a flora e vegetação, cultivada ou espontânea, das regiões tropicais, nomeadamente africanas, descobertas pelos portugueses ⁸.

Durante a década de 1870, coabitam trabalhos sobre a flora portuguesa com outros sobre as plantas africanas. Os primeiros são constituídos por vários artigos, relacionados com as tarefas de organização e enriquecimento dos herbários na Escola Politécnica. Logo de início, nos anos 60, o Conde trabalhou no herbário de plantas, que o botânico austríaco Frederico Welwitsch (1806-1872) tinha colhido durante a sua estadia em Portugal (DOLEZAL, 1974; WELWITSCH, 1945) ⁹. As suas funções de Director do Jardim Botânico levaram-no a estimular as herborizações e a colaborar com outros botânicos, como J. Henriques (1838-1928) e J. Daveau (1852-1929), Jardineiro Chefe no Botânico, de 1876 a 1892. Durante este período, encontra-se também ocupado na reorganização do Instituto Geral de Agricultura, que dirige ao longo de mais de dez anos (1864-1877).

Entretanto, aumenta cada vez mais o seu interesse pela flora africana e sua história. São os sinais dos tempos em que participa plenamente o Conde de Ficalho. A Sociedade de Geografia de Lisboa, fundada em 1875, acelera a preparação de viagens exploratórias por territórios desconhecidos (LIBERATO, 1994). Mas a curiosidade científica do Conde já estava estimulada pelas perspectivas de estudo das plantas africanas reunidas por F. Welwitsch.

Em missão oficial de reconhecimento botânico em Angola, de 1853 a 1861, F. Welwitsch explora sucessivamente o litoral norte até Luanda, as áreas ao longo do rio Cuanza, incluindo as regiões de montanha. Em 1858, envia a Lisboa o relatório desta expedição e o respectivo catálogo com cerca de 3200 espécies ¹⁰. Segue, por fim, para as áreas de Benguela, Moçâmedes e Planalto de Huila, onde recolhe mais 2500 plantas. Foi nas regiões áridas a sul da antiga Moçâmedes que descobriu, em 1859, uma planta nova e única no mundo que o imortalizou – *Welwitschia mirabilis*, ou *tumbo* na língua local ¹¹. Após o seu regresso a Portugal, vai para Londres como Vogal na Comissão de Ultramar, por ocasião da Exposição de 1862 ¹². Leva também todas as colecções africanas

⁸ A *Memória sobre a malagueta*, apresentada na Academia das Ciências em 1877, é o estudo pioneiro (1878). Remetemos para R. T. PALINHA (1953) e para as clássicas obras de referência, no que se refere à lista completa dos estudos do Conde de Ficalho.

⁹ De 1839 a 1852, este botânico empreendeu grandes colheitas de plantas no país, com uma grande precisão de anotações sobre o ambiente da cada amostra. Em 1849, vendeu à Academia das Ciências uma das suas colecções, que passou à Escola Politécnica, cerca de dez anos mais tarde.

¹⁰ F. WELWITSCH (1945), pp. 99-168

¹¹ Idem, p. 229-230, 237-238, 405-406

¹² Idem, pp. 267-333.

de vegetais e insectos. Nunca mais voltará a Portugal, doando no fim da vida as «suas» colecções à Inglaterra.

O Conde de Ficalho, juntamente com Bernardino António Gomes, luta pela sua recuperação, concedida em 1875. Acompanha pessoalmente o repatriamento de cerca de 4000 plantas, o que se prolonga de 1876 até 1879. Ao mesmo tempo, inicia o estudo do herbário com B. A. Gomes, logo substituído pelo filho e silvicultor B. de Barros Gomes, e pouco tempo depois, por E. Goetze que o ajudou durante alguns anos. A correspondência publicada do Conde de Ficalho mostra a importância das colecções de Welwitsch, de que exemplares são depois cedidos ou emprestados para estudo, não só em Portugal, como em outros países europeus ¹³. Sabe-se também da importância dos relatórios do botânico austríaco, que são utilizados, por exemplo, pelos exploradores H. Capelo e R. Ivens nas suas viagens de 1876-78.

No conjunto das obras do Conde de Ficalho, os anos 1880 representam o período aúreo do estudo dos vegetais africanos e da influência dos portugueses. A par das obras dos Centenários ou da história da botânica, pelas quais o Conde de Ficalho é mais conhecido ¹⁴, publica vários artigos sobre as plantas africanas e outro estudo, com o botânico inglês W. P. Hiern, sobre a colecção que Serpa Pinto trouxe da sua expedição de 1877-79 ¹⁵. Inicia então a preparação do livro a publicar em 1884.

4. *As Plantas úteis da Africa Portuguesa* (1884) saem do prelo num ano decisivo para a história da Africa ¹⁶. Três expedições portuguesas estão em curso, nomeadamente a de H. Capelo e R. Ivens, entre Angola e Moçambique, e a de Henrique de Carvalho na Lunda. Desenrola-se na altura a Conferência de Berlim que, pela Acta Final de 1885, levará ao processo de domínio colonial da África pelas principais potências europeias.

Com os progressos dos conhecimentos sobre plantas africanas, o autor decide abandonar a metodologia inicial, adoptando a apresentação de um catálogo florístico de vegetais, classificados por famílias e identificados pelo nome científico ¹⁷. Esta feliz substituição deu à obra a longevidade mere-

¹³ Ver a correspondência com J. Henriques (1838-1928), J. D. Hooker (1817-1911), G. A. Schweinfurth (1836-1925) e A. de Candolle (1806- 1893) (R.T. PALINHA, 1948, 1949)

¹⁴ *Flora dos Lustadas* (1880), *Garcia de Orta e o seu tempo* (1886), *Introdução aos Colóquios...* de Garcia de Orta (1891-95), *Viagem de Pero da Covilhã* (1898)

¹⁵ *On Central Africa Plants....* (1881). Traduzido em 1883 e editado pela Academia (*Memória sobre algumas plantas...*, 1883)

¹⁶ Reeditadas em 1947, com um prefácio de R.T. PALINHA, que situa a obra na literatura do Conde e no âmbito de outros estudos estrangeiros.

¹⁷ À semelhança do método seguido por A. de Candolle no livro saído em 1883 (*Plantas...*, 1884, pp. 3-6).

cida, e a possibilidade de ser ainda referida em estudos recentes (MENDES FERRÃO, 1992)¹⁸.

São mencionados cerca de 275 vernáculos africanos, ou portugueses no caso de espécies introduzidas, a que correspondem perto de 500 nomes científicos, com as variedades ou espécies afins assinaladas. As notas contêm informações, não só ligadas à botânica ou história da difusão dos vegetais, mas também a determinados usos domésticos e particularidades culturais dos povos africanos. Entre as plantas seleccionadas, algumas são mais «úteis» (para alimentação, madeiras, tinturaria, fibras, propriedades medicinais...) do que outras (tal como a *Welwitschia*).

A longa introdução que precede a listagem é esclarecedora a vários níveis (pp. 5-72). De início, mostra até que ponto o autor contribuiu para a construção de uma geografia da África, na perspectiva europeia, marcada por preconceitos e preconceitos¹⁹. Por outro lado, repare-se com que cuidado o Conde de Ficalho consultou numerosas obras: botânicas, de história e geografia africanas, sobre as relações entre a África e a Europa, as expedições de F. Welwitsch (muito citado), ou H. Capelo e R. Ivens (1876-80), até aos relatos, ao vivo, dos dois exploradores portugueses, de uma carta recebida pelo autor, enquanto corrigia as provas da obra (p. 277).

Falta contudo o indispensável mapa que ajudaria o leitor na localização dos espaços e povos africanos mencionados, não se adaptando aos assuntos tratados a cartografia publicada até 1884. Existiam, é certo, os mapas ingleses subsequentes às explorações dos anos 1850-60, ou ainda as cartas portuguesas da década de 1860, coordenadas pelo Marquês de Sá da Bandeira (Madeira Santos, 1997). Mas, para obter um mapa mais preciso, o Conde deveria esperar até 1885, ano em que a Comissão de Cartografia, instituída em 1883, publica um mapa com o título *Carta de Angola: contendo indicações de produção e salubridade*²⁰.

No fundo do mapa, o relevo é representado por «normais» nas regiões já reconhecidas, até aos limites ocidentais da Iacca e da Lunda, no Norte, mais acidentado, do mapa, e até ao rio Cunene, no Sul planáltico. A leste do Rio Cunene, está escrito, em arco de círculo: *Regiões actualmente exploradas*

¹⁸ Os autores M. M. ROMEIRAS e J. RAPOSO (1999) seleccionaram 18 espécies arbóreas, consultando herbários portugueses e várias outras obras, entre elas, as *Plantas...*, mencionadas para todas as essências da savana arbórea e floresta seca, e uma variedade de mogno africano da floresta densa.

¹⁹ «A África não tem história... Na África, não há ruínas, nem quase tradições... A terra, invadida pela exuberante vegetação tropical, não guarda a marca da mão do homem, como o espírito infantil do Negro não conserva a impressão do passado.» (1947, p. 7)

²⁰ Comissão Nacional CDP, *As fronteiras de África* (1997), p. 52. «Capelo e Ivens... forneceram os elementos para a belíssima carta de Angola de 1885, resultado da sua expedição de 1876-78.» (p. 30).

por Capelo e Ivens. A salubridade, indicada por dois tons de verde, acentua os contrastes topográficos. Em claro, aparecem as «regiões produtivas salubres» – mais para o Sul, no Planalto de Huila, nas áreas de savana arbórea e floresta seca. Num tom mais escuro, a norte do Cuanza, estão representadas as «insalubres». Aqui tinha permanecido F. Welwitsch muito doente, havia trinta anos ²¹.

Num quadro colocado na margem direita do mapa, encontra-se assinalada a produção, ou sua ausência, de algumas culturas (algodão, café, tabaco, trigo, etc), árvores e arbustos «industriais» (palmeiras, copal, borracha, etc) e minas (ouro, ferro, cobre, etc), pelos diferentes concelhos de Angola. Como o Conde de Ficalho utiliza as mesmas fontes, o quadro ganharia em ser lido à luz das *Plantas úteis...*

Em 1885, porém, o tempo urge. As prioridades políticas vão-se sobrepôr aos objectivos iniciais das explorações. O Mapa Cor-de-Rosa de 1886 já está muito longe das realidades africanas que transparecem das *Plantas úteis* do Conde de Ficalho.

«A carta geopolítica da África resultou de acordos estabelecidos entre potências europeias, que partilharam o continente depois da célebre Conferência de Berlim de 1884-1885. Em regra geral, ignoraram os direitos dos povos africanos, as suas realidades históricas, linguísticas e religiosas, e, por vezes, até mesmo a reconhecida importância de acidentes geográficos indelevelmente marcados no terreno. A África, mal conhecida, foi tomada como um continente esvaziado de civilizações».

ILÍDIO DO AMARAL, 1997, p.13

BIBLIOGRAFIA

- ALEGRIA, M. Fernanda (1977) – Cartografia antiga de Portugal Continental, *Finisterra. Revista Portuguesa de Geografia*, XII (24), Lisboa: 169-210.
- AMARAL, Ilídio de (1997) – Fronteiras internacionais africanas, *In As fronteiras de África*, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, Lisboa: 13-22.
- COMISSÃO NACIONAL PARA AS COMEMORAÇÕES DOS DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES (1997) – As fronteiras de África, Catálogo da *Exposição do XVII Congresso Internacional de História da Cartografia*, Lisboa.
- CANDOLLE, Alphonse de (1883) – *Origine des plantes cultivées*, Lib. Germer Baillière et Cie, Paris.
- COSTA, Bernardino Cincinato da (1892) – *Breve noticia sobre o ensino superior de agricultura em Portugal*, Impr. Nacional, Lisboa.

²¹ Em 1861, A. de Candolle fez algumas observações sobre a questão da salubridade reproduzida neste mapa, baseando-se num relatório mandado por F. Welwitsch, acerca da exploração do sul de Angola (1945, p. 236).

- COSTA, José Carlos *et alii* (1998) – Biogeografia de Portugal continental, *Quercetea*, n.º 0, 1 mapa, 1:1.000.000, Lisboa.
- DEVY-VARETA, Nicole (1998) – Les voyages de savants en Europe et le développement des idées géographiques dans le Portugal du XIX siècle, *Finisterra*, XXXIII, (65), Lisboa: 175-183.
- DIAS, Maria Helena (coord) (1995) – *Os mapas em Portugal*, Cosmos, Lisboa.
- DOLEZAL, Helmut (1974) – *F. Welwitsch, Vida e Obra*, Junta de Investigação CE, Lisboa.
- FERRÃO, José E. Mendes (1992) – *A Aventura das plantas e os Descobrimentos Portugueses*, IICT e CNCDP, Lisboa.
- GOMES, B. de Barros (1876) – *Condições Florestaes de Portugal*,..., Lallemand Frères, Lisboa.
- GOMES, B. de Barros (1878) – *Cartas Elementares de Portugal para Uso das Escolas*, ..., Lallemand Frères, Lisboa; 2.ª ed. , Imp. Nacional, Lisboa, 1990.
- FICALHO, Conde de (1945) – *Memória sobre a malagueta*, 2.ª ed. pref. por Ruy Telles Palhinha, Lisboa, Agência Geral das Colónias, 80 p. (1.ª ed.: 1878 Lisboa).
- FICALHO, Conde de (1947) – *Plantas úteis da Africa portuguesa*, 2.ª ed. pref. por Ruy Telles Palhinha, Agência Geral das Colónias, Lisboa (1.ª ed.: 1884, Lisboa).
- FICALHO, Conde de ; HIERN, w. P. (1881) – *On Central Africa plants collected by major Serpa Pinto*, Taylor and Francis, London.
- FICALHO, Conde de (1982) – *Eleição perdida*, Intr. E notas de Nuno de Sampayo, Imprensa Nacional, Lisboa.
- Le Portugal au point de vue agricole* (1900) – Direction de B. C. Cincinnato da Costa et D. Luiz de Castro, Imprimerie Nationale, Lisbonne.
- LIBERATO, M. Cândida (1994) – Explorações botânicas nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, *Garcia de Orta, Sér. Bot.*, 12 (1-2), Lisboa: 15-38.
- ORTIGÃO, J. D. Ramalho (1945) – O Conde de Ficalho (retrato íntimo). *In Figuras e questões literárias*, Vol. II, Clássica Ed., Lisboa: 155-188.
- PALHINHA, R. T. (1948) – Algumas cartas trocadas entre os professores Júlio Henriques e Conde de Ficalho, *Sep. Anuário da Soc. Brot.*, XIV, 28 p., Coimbra.
- PALHINHA, R. T. (1949) – Cartas de Alphonse de Candolle ao Conde de Ficalho, *Brotéria*, XVII(IV), Lisboa: 172-181.
- PALHINHA, R. T. (1949) – Cartas de G. Schweinfurth para o Conde de Ficalho, *Brotéria*, XVIII (IV), Lisboa: 167-172.
- PALHINHA, R. T. (1953) – Escorço biográfico do Conde de Ficalho, no cinquentenário do seu passamento, *Sep. Memórias da ACL, Classe das Ciências*, T. VI, Lisboa, 18 p.
- RADICH, M. Carlos; ALVES, A.A Monteiro (2000) – *Dois séculos da Floresta em Portugal*, Celpa, Lisboa.
- ROMEIRAS, M. Manuel; RAPOSO, José (1999) – Características e distribuição de algumas espécies lenhosas angolanas com interesse florestal, *Silva Lusitana*, Lisboa, 7 (1), pp. 93-116.
- SANTOS, M. E. Madeira (1997) – A Comissão de Cartografia e a delimitação das fronteiras africanas, *In As fronteiras de África*, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa: 23-44.
- WELWITSCH, Frederich (1945) – *Colectânea de escritos doutrinários, florísticos e fitogeográficos: concernentes principalmente à flora de Angola*, comp. rev. e notas de Ascensão Mendonça, Agência Geral das Colónias, Lisboa.